

Há uma epistemologia inexistencialista na *Crítica da Razão Dialética*? Um estudo sobre o método regressivo-progressivo

*Is there an inexistencialist epistemology in the Critical of Dialectic Reason?
a study on the regressive-progressive method*

Ruslane Bião de OLIVEIRA
CESB/GO
FACGama/DF.
E-mail: rubioliver@universia.com.br

Resumo

O objetivo deste trabalho não é oferecer uma resposta para o problema do método regressivo-progressivo, mas levantar o problema e sugerir uma investigação acerca da fragilidade do projeto existencialista. Assim, se Sartre busca, na *Crítica da razão dialética*, oferecer os fundamentos teóricos para o marxismo, a renúncia do projeto existencial torna-se presente quando a elaboração do método regressivo-progressivo suplanta a concepção de sujeito ontológico.

Palavras-chave: cogito, método, conhecimento, dialética, Sartre.

Abstract

The objective of this work is not to offer to a response for the problem of the progressive-regressive method, but to raise the problem and to suggest a research concerning the brittleness of the existentialist project. Thus, if Sartre seeks, in the Criticism of the dialectical reason, to offer the theoretical bases for the Marxism, the renouncement of the existentialist project is made present when the development of the progressive-regressive method supplants the ontological design of subject

Keywords: cogito, method, knowledge, dialectic, Sartre.

Introdução

A *Crítica da Razão Dialética* é, inegavelmente, a tentativa de Sartre se reconciliar com os marxistas, estabelecendo uma crítica feroz contra o capitalismo. Mas isso significa que, além de se reconciliar, o significado ético dessa obra

nos mostra quais são os resultados catastróficos da II Guerra Mundial, seus reflexos e os meios pelos quais o intelectual engajado se mobiliza para enfrentar a realidade concreta da sociedade capitalista. No entanto, o projeto existencialista parece oscilar quando Sartre propõe o método regressivo-progressivo para atender as exigências de

uma sociedade que pretende transformar-se. A consciência, que é o alvo privilegiado da filosofia existencial, deixa de ser contingente e passa ser necessário na síntese dialética.

Sartre reconhece a importância fundamental do marxismo para o século XX, mas tal importância faz o existencialismo pagar um preço muito caro, isto é, o de transformar-se num sistema de conhecimento que possa estabelecer os fundamentos mais adequados para o marxismo. Independentemente disto, se, por um lado, há uma renúncia do projeto existencial, por outro, a crítica ao capitalismo reacende os problemas do marxismo.

1. A dialética história de Sartre em oposição ao materialismo histórico de Marx

A existência humana, considerada como um constante fazer-se, é exposta no existencialismo sartreano como a síntese das relações concretas do homem com o mundo. Ao tentar compreender as ações do homem através de sua constituição psíquica, isto é, das relações estruturais da existência (o ser do objeto, o em-si, e o ser da consciência, o para-si), Sartre nos mostra o problema da liberdade, que não é outra coisa senão o paradoxo de escolher mediante a obrigação, mas que pertence à própria constituição do ser.

Para se posicionar concretamente no mundo, o homem precisa experimentar a liberdade em sua situação limite, isto é, no momento em que há a exigência urgente de escolher entre uma coisa e outra. Mas isto, além de revelar a posição concreta do homem no mundo, revela a sua condição moral à humanidade, na medida em que os atos de sua consciência também criam valores. Temos um homem "em situação", que se posiciona concretamente no

mundo, quando o para-si realiza o ser ao fazer-se e cria valores diante de si e dos outros. A liberdade, portanto, é o fundamento do ser que se descobre livre e escolhe o caminho no qual o seu valor é o projeto de ser individual, mas que é limitado pela liberdade do outro que o obriga a escolher tal ou qual caminho.

O para-si não é, não possui uma essência, é pura existência; está condenado deslizar-se para fora de si, a objetivar-se, para fazer escolhas que tornem possível a criação de valores. A escolha é o que afirma a existência e habita o Nada enquanto fundamento originário da própria consciência e liberdade. No entanto, é na *praxis* humana que a liberdade exerce sua atividade específica, pois o homem deve estabelecer seus projetos, decidir entre as coisas que devem ser feitas. É quando escolhemos, atribuímos valor às coisas sobre as quais decidimos.

A consciência, nesse caso, identifica-se à moral, pois o valor é criação específica dos atos da consciência que fundamentam a liberdade. Sartre, assim, chega à conclusão de que a situação ontológica não poderia ser explicada sem a História, pois as ações humanas acabam sendo criadas pelo capitalismo, através de um processo de reificação da sociedade¹. A partir daí chega ao seu empreendimento de interpretar a História, sob o ponto de vista ontológico, para submeter o materialismo dialético marxista a um exame crítico radical.

Para que a História seja analisável, segundo a interpretação existencialista, Sartre identifica problemas na dialética marxista, e se compromete a solucioná-los, com base nas investigações que pretendem inaugurar um novo método capaz de corrigir a dialética marxista. O homem não é como uma "tabula rasa", que depende das impressões externas para definir-se e dos meios e das relações de produção que determinam os fatos históricos.

⁽¹⁾ Como é o caso da serialização, em que o homem não vive a situação limite da liberdade, limitando-se a passividade de processos globais do capitalismo que impedem a atividade específica de sua liberdade, isto é, a criação de valores; na serialização, o comportamento humano é análogo ao de um rebanho, pois a necessidade de ser conduzido se identifica à necessidade de quem o conduz.

No entanto, Sartre nos fornece um outro tipo de interpretação do materialismo histórico marxista, fazendo um exame do método dialético sob os parâmetros existencialistas. A interpretação filosófica da história deve, contudo, inserir elementos da subjetividade humana, que não está necessariamente condicionada às condições materiais ao determinar a ação do indivíduo no percurso histórico. A dialética marxista nos dá uma interpretação filosófica da história conforme as determinações materiais, mas isto serve para nos mostrar a condição em que o homem torna-se um produto do meio, em que suas ações são determinadas por condições materiais dadas nos meios e relações de produção. Com isso, Sartre pergunta como pode o homem fazer história ao mesmo tempo em que as condições históricas e concretas fazem o homem (SARTRE, I, 1967, p.60)?

Se, por um lado, a reificação humana determina-se por condições materiais, por outro, o homem recebe dessas condições a contribuição para uma mudança ativa na sociedade. Se o homem tem capacidade de transformar a sociedade através de suas ações, as condições materiais, que determinam sua ação, tornam-se elementos imprescindíveis para o processo de transformação histórica. Por isso, a base da interpretação histórica deve repousar numa dialética que introduz aspectos da subjetividade humana, fazendo do homem, não uma mera máquina que opera segundo as manipulações a ela determinadas, mas um indivíduo autônomo e ativo.

Sob esse ponto de vista, Sartre está disposto a demolir a concepção marxista do materialismo histórico, que deve obedecer a síntese dialética dos conflitos que regula as ações, sem depender da vontade e da consciência humana. Isso dificulta todo o empreendimento da *praxis* que, para Sartre, não está determinada pelo materialismo, mas está num contínuo processo em curso. A *praxis*, de fato, envolve conflitos sociais determinados por condições materiais, mas isso não

significa que a *praxis* deixe de envolver conflitos internos que culminam na escolha original da subjetividade, pois deve ser considerada como um processo em curso constitutivo da dialética histórica.

Na *Interpretação materialista da história*, Marx (1995, p. 158) identifica a ligação entre a produção de idéias e a atividade material no comportamento material da sociedade. O intelectual, portanto, é dono dos meios de produção e por isso adquire força intelectual para fomentar a estabilidade da classe dominante. Se se admite as condições materiais para a constituição da história, é por elas que Marx vai determinar a revolução como a previsão última da dialética materialista sem, no entanto, admitir a autonomia das ações na *praxis* humana.

A dialética histórica sartriana coloca o conflito no centro da contradição entre a dupla relação *eu/outro*, pois o campo prático manifesta a existência do conflito através da escassez (*rareté*). Daí as lutas sociais desencadeiam um processo que permite a manifestação da dialética histórica e, sobretudo, da síntese de relações entre o eu e o outro, que tem no conflito o fundamento que define a *praxis* como um processo em curso. Isso não significa que o conflito deixe de existir, mesmo quando há a vitória na luta de classes, pois a *praxis* humana não exclui a consciência individual, nas relações, de produção que homem possui com a sociedade. Basta, portanto, que a consciência individual manifeste seu conflito, na escassez, para que a consciência de classe desencadeie as lutas sociais. O que importa, para Sartre, não é a determinação das condições materiais no processo histórico, mas a autonomia do indivíduo na síntese dos conflitos, o que permite a continuidade da *praxis* como um processo sempre em aberto, se existe uma consciência individual que antecede a consciência de classe, o conflito torna-se intermitente.

A dialética histórica sartriana propõe, portanto, uma interpretação filosófica da história destinada a absorver todas as contradições e

conflitos como elementos de uma *praxis*, mesmo quando se admite condições materiais sem, no entanto, excluir a autonomia individual, que em nada depende das reflexões condicionadas. Com isso, a síntese dos conflitos é um processo em aberto, pois o interesse por uma sociedade justa, conduzida apenas por condições materiais, pode aniquilar a autonomia do indivíduo.

O conflito é base das relações e com ele o processo histórico é um *dever* constante, já que o antagonismo das relações é contínuo, o que fundamenta a *praxis* sem comprometer a autonomia do indivíduo. Nesse caso, a consciência individual se prepara para libertar-se das condições materiais que dirigem suas ações, oferecendo condições para revitalizar o valor da *praxis* no processo histórico.

2. A herança cartesiana

Do ponto de vista fenomenológico, o *cogito* está presente na ontologia sartriana, tendo em vista o projeto de analisar a existência concreta enquanto fenômeno incompreensível. Mas isto se deve a primazia dada à consciência, pois sua concepção clássica a caracteriza como uma existência em que o *em-si* é vitorioso, tendo em vista as ações que ela opera voluntariamente ou não. Na medida em que a consciência depende de uma causa *sui generis*, isto é, de Deus, que fundamenta sua existência na metafísica cartesiana, ela transforma-se em objeto *em-si*. Assim, o *cogito* é uma referência dada à ontologia sartriana, que pretende esvaziar a consciência de qualquer conteúdo, na tentativa de buscar seu fundamento original sem que seja necessário estabelecer um sistema de conhecimento² para elucidá-lo. Aliás, qualquer tentativa de elucidação pode nos mostrar que o fundamento da consciência é incompreensível. Então, podemos entender que “existe um *cogito* pré-reflexivo que é a condição do *cogito* cartesiano” (SARTRE,

2000, p. 24); deste modo, a consciência é vazia de conteúdos, já que antecipa a consciência reflexiva ou, dito de outro modo, é nesta antecipação que podemos identificar o ser da consciência, isto é, o nada intramundano, que desliza-se para fora de si em direção à opacidade do *em-si*.

No entanto, o *cogito* cartesiano, tal como é encontrado nas *Meditações*, especialmente na segunda, caracteriza-se pela exclusão tanto dos objetos sensíveis quanto da imaginação, para que essa conquista possa ser definida como substância, mais tarde, na Meditação VI. Portanto, sem a existência de Deus não é possível determinar o *cogito* como substância, pois sua constatação é mais um acidente do que uma necessidade quando a existência de Deus é provada na Meditação III.

Poder-se-ia perguntar, então, por que, em *O existencialismo é um humanismo*, afirma-se que o *cogito* “é a verdade absoluta da consciência que apreende a si mesma” (SARTRE, 1987, p. 15)? Para esvaziar a consciência de conteúdo, Sartre precisa mostrar que o Ser da consciência, ou melhor, o não-ser, está no domínio de uma ontologia fenomenológica que deve dar conta de sua incompreensão; mas para defender-se da acusação, por parte dos marxistas, de que o existencialismo é uma doutrina individualista e burguesa, o *cogito* recebe destaque para mostrar-se em sua alteridade universal. Para isto, deve haver a seguinte exigência: desconstruir a metafísica do *cogito* cartesiano, que define o sujeito como um ser cognoscente, para inaugurar uma concepção de sujeito ontológico, que se relaciona com um ser estranho a si mesmo, isto é, com o *em-si*. Se o sujeito cognoscente ainda não foi completamente aniquilado, Sartre pelo menos tentou expulsá-lo para devolvê-lo à sua condição originária e de fundamentação ontológica. Portanto, ao defender que a consciência deve anteceder o *percepi*, pois não é o objeto *em-si*, para ser subjetividade pura e com a qual o Nada

⁽²⁾ O existencialismo, em princípio, estabelece um outro tipo de relação com a realidade, que não é a relação que os filósofos modernos estabeleciam; ao contrário disso, a tentativa de encontrar um fundamento originário para o ser da consciência sai do foco temático do “conhecimento”, tão enfatizado pelos modernos, para dar lugar a existência concreta do homem em “situação”, isto é, do homem que se realiza ao fazer-se.

vem ao mundo, Sartre pretende superar a dificuldade do sujeito cognoscente. Assim, transformar o sujeito cognoscente em sujeito ontológico depende de uma filosofia capaz de estabelecer uma nova relação entre sujeito e mundo, pois a “redução da consciência ao conhecimento, com efeito, presume introduzir na consciência a dualidade sujeito-objeto, típica do conhecimento” (SARTRE, 2000, p.23).

Se bem entendemos que o projeto existencial busca não só expulsar as coisas da consciência, mas encontrar o seu fundamento originário, não se pode negligenciar o significado ético introduzido no existencialismo, uma vez que o mote “a existência precede a essência” possui implicações na vida prática do homem. Para dar sentido à existência, o homem percebe a importância de seus atos, que preenchem sua essência sem determiná-la, pois o constante fazer-se está sempre em aberto.

3. O método regressivo-progressivo

Percebe-se que Sartre tenta, obstinadamente, se desfazer da concepção de sujeito cognoscente para inaugurar a concepção de sujeito ontológico sem pretender, para isso, constituir um sistema. Aliás, a idéia de sistema está presente nas filosofias que se ocupam especificamente com a epistemologia, como é o caso da metafísica cartesiana. Vejamos, então qual foi o problema que Sartre identificou no racionalismo cartesiano:

Assim, renunciando à primazia do conhecimento, descobrimos o *ser* do cognoscente e encontramos o absoluto, o mesmo absoluto que racionalistas do século XVII tinham definido e constituído logicamente como objeto de conhecimento. Mas, exatamente por se tratar de absoluto de existência e não de conhecimento, escapa à famosa objeção de que um absoluto conhecido

não é mais absoluto, por se tornar relativo ao conhecimento que dele se tem. Realmente, o absoluto, aqui, não é resultado de construção lógica no terreno do conhecimento, mas sujeito da mais concreta das experiências. E não é *relativo* a tal experiência, porque é essa experiência. É também um absoluto não-substancial. O erro ontológico do racionalismo cartesiano foi não ver que, se o absoluto se define pela primazia da existência sobre a essência, não poderia ser substância. A consciência nada tem de substancial, é pura ‘aparência’, no sentido de que só existe na medida que aparece (SARTRE, 2000, p.28).

Como vemos, “a existência precede a essência” tão logo a consciência absoluta possa exprimir-se na existência concreta dada à contingência dos atos humanos. O que Sartre pretende com isso é mostrar que o absoluto é indeterminado e, assim, não pode ser conhecido sistematicamente, mas pode ser vivido no campo da experiência concreta. No entanto, o método regressivo-progressivo parece comprometer este aspecto tão importante do existencialismo, tendo em vista a sistematização de um conhecimento marxista.

Daí, percebe-se a insistência da presença do *cogito* cartesiano, enquanto sujeito cognoscente, no existencialismo sartriano, pois Sartre adota procedimentos do método cartesiano na dialética da História, mas é preciso esclarecer que se trata de um movimento de análise e síntese que introduz etapas cujo objetivo é “demonstrar” a definição do projeto humano, sem querer determinar o universal concreto por um lado, embora, por outro, estabeleça relações de dependência entre caracteres reunidos na “obra” que “ilumina a vida”. Esse método constitui-se das seguintes etapas: 1) análise - regressão, verificação de fatos e hipótese; 2) síntese – progressão, compreensão do projeto individual. Com este método Sartre pretende “dominar” e “revelar” a profundidade do vivido,

o que parece reduzir a subjetividade ontológica à subjetividade cognoscente, já que Descartes incorpora a regressão e a progressão em seu método de análise-síntese para universalizar a Ciência³. Será que Sartre estaria renunciando o projeto existencial, que defende a contingência, para dar primazia à consciência, tornando-a princípio necessário⁴? Dessa questão, seguem duas conseqüências ontológicas: a primeira é positiva, pois na tentativa de elucidar o abismo que há entre o sujeito e o objeto, através da consciência não-tética, Sartre estabelece uma estrutura de consciência que visa despojá-la de qualquer interferência de qualquer objeto, reunindo, na compreensão progressiva, o em-si e o para-si ao visar um objeto possível, mas não existente; a segunda é negativa, pois a filosofia existencial tem a pretensão de romper com o intelectualismo acadêmico, mas estabelece a primazia da consciência na relação sujeito-objeto. Se considerarmos que não pode haver sujeito sem objeto nem objeto sem sujeito, há, então, uma relação de dependência recíproca entre ambos. O hiato dessa relação repousa na nadificação, o que talvez possa superar o chamado intelectualismo acadêmico, apoiado na racionalidade dessa relação. Parece, no entanto, que a intenção de Sartre é mostrar que, mesmo incorporando alguns passos do método cartesiano em sua ontologia, a contradição da objetividade é um problema de ordem epistemológica.

Assim, o método regressivo-progressivo exprime a necessidade de reordenar o passado para

dar sentido ao futuro através da inteligibilidade dialética:

a *necessidade* como estrutura apodítica da experiência dialética não reside nem no livre desenvolvimento da interioridade nem na dispersão inerte da exterioridade; ela se impõe, a título do momento inevitável e irreduzível, na interiorização do exterior e na exteriorização do interior. Esse duplo movimento será o de nossa experiência regressiva: o aprofundamento da *praxis* individual nos mostrará que ela interioriza o exterior (indicando a própria ação, um campo prático); mas apreendemos inversamente, no instrumento e na objetivação pelo trabalho, uma exteriorização intencional da interioridade (a marca é às vezes o exemplo e símbolo), do mesmo modo, o movimento pelo qual a vida prática do indivíduo deve dissolver, no curso da experiência, nas totalizações sociológicas ou históricas, não conserva a nova forma que apareceu como a realidade objetiva da vida (série, grupo, sistema, processo) a interioridade translúcida do agente totalizante⁵.

A intelecção nos permite ver a *praxis* e suas contradições, pois a dialética precisa de seu contrário para revelar-se enquanto movimento inteligível da história. A escolha original do projeto

⁽³⁾ Podemos entender o método cartesiano da seguinte maneira: "o método de análise-síntese se dá quando buscamos conhecer algo que é desconhecido. Para isso, é necessário seguir um conjunto de instruções no qual se deve estabelecer aquilo que precisa ser procurado. Antes de mais nada o problema é colocado como um enunciado geral a partir do qual a busca é iniciada e dele é possível retirar as condições que autorizam solucioná-lo" (OLIVEIRA, 2004, p. 44); mas a análise é o caminho da ordem da descoberta, já que supõe conhecido o que é desconhecido, e a síntese, o caminho da ordem do conhecimento, tendo em vista a composição do edifício do conhecimento erigido sobre um princípio seguro e verdadeiro.

⁽⁴⁾ O cogito é antes um ponto de chegada do que ponto de partida, pois "o método não começa com algo simples ou com alguns elementos simples, mas encontra-os à medida em que avança no exame das questões e os determina enquanto tais" (BATTISTI, 2002, p.366); o cogito, portanto, é mais uma conquista da análise regressiva, que abre o caminho da ordem da descoberta.

⁽⁵⁾ "La nécessité comme structure apodictique de l'expérience dialectique ne reside ni dans le libre développement de l'intériorité ni dans l'inertie dispersion de l'extériorité; elle s'impose, à titre de moment inévitable et irréductible, dans l'intériorisation de l'extérieur et dans l'extériorisation de l'intérieur. Ce doublé mouvement sera celui de toute notre expérience régressive: l'approfondissement de la praxis individuelle nous montrera qu'elle intériorise l'extérieur (en dessinant par l'action même un camp pratique); mais inversement nous saisirons dans l'outil et dans l'objectivation par le travail une extériorisation intentionnelle de l'intériorité (le sceau en est à la fois l'exemple et le symbole); de même façon le mouvement par lequel la vie pratique de l'individu doit se dissoudre, en cours d'expérience, dans des totalisations sociologiques ou historiques, ne conserve pas à la forme nouvelle qui apparaît comme la réalité objective de la vie (série, groupe, système, processus) l'intériorité translucide de l'agent totalisant". Grifo do autor (SARTRE, I, 1967, p. 157).

individual é o que permite a inclusão da *praxis* individual à *praxis* coletiva, no processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade. Como vemos, o movimento dialético exige a liberdade (escolha original) como um princípio ordenador da inteligibilidade dialética para dar sentido a história. Mas esse sentido, do ponto de vista sistemático, assume uma inteligibilidade epistemológica que dissolve a contingência da liberdade para transformá-la em princípio necessário, cuja ordenação pressupõe a presença de uma subjetividade cognoscente.

3. Conclusão

O método regressivo-progressivo é, sem dúvida, uma importante contribuição que Sartre dá ao marxismo, embora o projeto existencial tenda a desabar mediante procedimentos de cunho cognoscente. Não se sabe até que ponto a escolha original, enquanto antecipação da consciência, pode de fato salvar o projeto existencialista, mas sabe-se que sem ela não haveria sujeito ontológico, muito menos *paxis* coletiva, tendo em vista o próprio significado ético que ela implica na vida social. No entanto, se é possível salvar o projeto existencial na *Crítica da razão dialética*, vale dizer que a existência é analisável em termos de possibilidade e, desse modo, exhibe as situações mais comuns da vida cotidiana para ampliar o horizonte de significados.

Existir significa relacionar-se com o mundo, em suas várias modalidades, e o método é um tipo de relação que homem estabelece concretamente, não para compreender o incompreensível, a consciência pré-tética, o Nada, mas para compreender a dialética histórica analisada em termos de possibilidade. Além disto, Sartre é um dos poucos filósofos contemporâneos que soube articular várias atividades intelectuais na Filosofia, a saber, a literatura, o cinema, o teatro, a política, a epistemologia,

a ética, para preencher o perfil completo de um filósofo engajado de nossos tempos.

Bibliografia

Primária:

SARTRE, J.-P. *Critique de la raison dialectique*. Tome I, II. Paris: Gallimard, 1967 – 1985.

_____. *L'être et néant: essai d'ontologie phénoménologique*. Gallimard, 1969.

_____. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Coleção Os pensadores).

_____. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2000.

Secundária:

BATTISTI, C. A. 2002 *O método de análise em Descartes: da resolução de problemas à constituição do sistema do conhecimento*. Cascavel: Edunioeste. 420 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CHAUI, M. *Experiência de pensamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COLOMBEL, J. *Jean-Paul Sartre*. Tome I, II. Paris: Librairie Générale Française, 1985-1986.

BRIDOUX, A. *Descartes: O Euvres et lettres*. Paris: Gallimard, 1999.

LEOPOLDO E SILVA, F. *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*. São Paulo: UNESP, 2004. (Coleção Biblioteca de Filosofia)

MARX, K. Concepção materialista da história. In: GARDINER, P. *Teorias da história*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

OLIVEIRA, R.B. 2004. Exame da demonstração cartesiana: da explicação à prova no fenômeno do arco-íris. 120f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade de Brasília, Brasília.

